



REDATOR PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
EDITOR — JOAQUIM CARDOSO

Redacção, administração e tipografia, Calçada do Combro, 38-A, 2.º
Lisboa — PORTUGAL
Endereço telegráfico: Tolhava-Lisboa • Telefone 5339 0.
Oficinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 116

A QUESTÃO DO INQUILINATO

Povos enérgicos?
Governos dóceis

O problema da habitação está cada vez mais difícil de resolver, porque cada vez é maior a população nas cidades, principalmente em Lisboa e Porto, as duas capitais do país.

Não é apenas em Portugal que este facto se verifica. O mal é geral. Em Inglaterra, França, Alemanha e tantos outros países, luta-se com dificuldades idênticas. As outras nações tiveram o cuidado de, na impossibilidade de evitá-las, pelo menos remediar-las tanto quanto possível. E para que se remediasse o mal, os vários estados burgueses viram-se na necessidade de criar leis violentas contra os abusos dos senhores. Em França a lei do inquilinato é severa; na Alemanha é três vezes mais violenta do que a lei francesa.

Nós sabemos que as leis sempre podem ser iludidas pelos grandes, pelos que temem dinheiro. Mas o que convém aqui notar é que esses governos não aprovaram leis de tal natureza se os povos, os governados, não apresentassem suas reclamações diária forma energica e decisiva.

Se compararmos o procedimento dos governos estrangeiros, a que ajudamos, com os destes países, temos que reconhecer que os nossos governantes estão muito mais corrompidos e que as suas espíndulas se curvam mais facilmente perante o primeiro grupo de imbecis endinheirados que o pretendam. O governo transacto, elaborando um projeto de lei que em vez de auxiliar o já desgraçado inquilinato, ainda mais o virá a prejudicar depois de aprovado, demonstrou bem quanto de verdade encerram as nossas palavras. E, que se registre este caso importante: temos confiados estão os senhores na aprovação do referido projeto que já começaram a pôr em execução as injustiças que a futura (?) lei lhes permitirá.

Parece que obedecendo a um *mot d'ordre*, os proprietários estão exigindo aumentos de renda, que a lei ainda em vigor lhes não permite e que a bôsa de quem trabalha horradamente não suporta.

Estamos absolutamente convencidos de que os inquilinos, todos os inquilinos, não realizaram um movimento de enérgico protesto, movimento que vá até onde for preciso, até que os senhores se convençam de que tem de entrar na razão, dentro de pouco tempo não haverá férias nem ordenado que resistam ao preço exorbitante das casas de moradia, e a legião dos que dormem ai nos cantos, sem eira nem beira, aumentará terrificamente.

Um dos maiores para o qual não há lei, nem interessados que se mexam e tratam de assumir, é os dos quartos e partes de casa. Pode afirmar-se afiamente que a maioria desses indivíduos pouco escrupulosos que arrendam quartos faz o que entende. Despede, aumenta, vexa, insulta e os governos, sempre apressados em inventar leis coercitivas para os que nada possuem, não só querem ver as infâncias que esses indivíduos veem praticando, dia a dia, impunemente. Mas as leis fazem-nas os povos. Se as vítimas se unissem e fizessem soar bem alto o brado de justiça; se não se acobardassem ante uma minoria — porque afinal é um punhado de ricos malfeitos que esta asfixiam uma população inteira — estamos convencidos de que metade dessas injustiças não se praticariam.

Por sua vez os governos, que não permitem ao povo que trate como entende das suas questões, também não ouvem os protestos, tam entretidos se encontram nos jogos malabares da política — do saí tu para eu entrar.

Sendo o mal originado, na sua maior parte, na falta de habitações, não cíduaram os governos de atacar esse mal pela raiz, ou quais pela raiz, porque para eliminar todos os defeitos dessa questão seria necessário eliminar também a propriedade privada, e não havia burgues, pelas simples razões de ser burgues, que se abrissem a tal. Porém, nós, que ainda não podemos neste angulo, mas que reivindicamos a nossa Revolução emancipadora, temos o direito de dizer: E será tanto maior o seu interesse os governantes por esta questão primordial. Os governos só marcham pelas nossas questões, quanto maior for a nossa energia. Os governos só marcham.

E se for preciso, ameaçam.

O Brasil não seja necessário usar dos meios extremos, e estamos convencidos de que não será, porque a justiça da nossa causa é tam flagrante que só não é verão os que forem cegos, absolutamente cegos.

Se é, pois, na falta de habitações que reside o mal, porque não tralam os governos de atacá-lo precisamente nesse ponto?

Os alemães, esses selvagens sanguinários, que os aliados (e Portugal também é aliado) querem castigar, mostram-se muito mais civilizados nesta questão. A sua lei do inquilinato é um ataque cerrado à falta de habitações; não se permite um palácio desabitado, e o risco que possui uma ou duas vivendas que contentar-se com uma apenas, porque uma tem de lhe chegar, para viver, a requisição do governo, as outras aos que precisam morar, aos que necessitam dum abrigo. E' uma lei que chega quase a atacar a propriedade privada. O senhor delinquente não poderá dispor da sua propriedade; tem de ceder-la por utilidade pública, contentar-se-há em receber a renda que as autoridades, um pouco mais honestas que as nossas, estipulam. Não escapam os palácios nem as cocheiras. Isto onde, salvaguardadas as medidas higiénicas (elas cuidam bastante da higiene da lar) possa receber um leito, alojar um resumido mobiliário e acolher uma família, é posto ao serviço do povo, por preços tanto quanto possível moderados.

Não pretendemos nós aqui ensinar os governantes a fazer leis. Desejamos apenas elucidar, e comparar as melhores intenções do governo burguês alemão com as armadilhas hipócritas que constituem as leis dos governantes portugueses.

A lei alemã não tem portas falsas. Não queremos dizer com isto que ela não seja iludida. Porém, se tal facto se dá a culpa não é da lei, mas sim dos moldes em que as sociedades capitalistas — como a germânica, como a portuguesa — estão vasadas.

Para melhor elucidação dos governantes e dos governados, publicaremos brevemente algumas das principais disposições da lei do inquilinato alemão e então verão os governos da terra o que é a selvajaria germânica...

Que não fiquem, porém, os inquilinos fumando o seu cigarro regaladamente ao canto da lareira, à espera que os governantes portugueses aprovem uma lei copiada do figura-alemão. Mesmo que tal acontecesse, que uma lei dessas fosse por cá adoptada, continuariam os senhores a fazer o que lhes aprouvesse, desde que as suas vítimas não se unissem, e não mostrassem a sua disposição em fazer respeitar os seus incontestáveis direitos.

Os inquilinos que não durmam!

CARTA DE BARCELONA

ASSASSINATOS SÔBRE ASSASSINATOS

Os «desconhecidos» são polícias

: e guardas civis disfarçados.

Prosseguem, cada vez com mais fúria, os assassinatos dos operários. Realizam-se estes com a mais completa impunidade, sendo seu organizador o general que rege os destinos de Barcelona, a quem o governo de Madrid concedeu carta branca para ele pôr fim à vida dos Sindicatos operários.

Há dias foi morto com dois tiros o fabricante Pareto, da arte têxtil e, por esse motivo, houve, no dia seguinte, quatro operários feridos gravemente. Ontem também foi assassinado o trabalhador Andrés Valls, às três horas da tarde, num café. A's seis e quinze minutos, à saída do trabalho, foi agredido por uns desconhecidos um grupo de operários, morrendo um deles, Ramón Clavería, e ficando gravemente feridos Francisco Dominguim e Ermelito Cervantes. Mais tarde deu-se outra agressão, resultando falar morto Miguel Tresseras. Todos estes operários pertenciam ao Sindicato Único.

Os desconhecidos são polícias e guardas civis disfarçados. A Patrulha profissional, por meio dos seus agentes, atentados para justificar a repressão e logo a autoridade se encarregou do resto.

Os companheiros portugueses devem solidarizar-se connosco no protesto contra tam criminosos actos. Além do boicot, propomos à Confederação Geral do Trabalho que organize uma manifestação, um desfile de todo o proletariado de Lisboa ante a embaixada espanhola nessa capital portuguesa, para tornar patente a sua indignação e protesto contra tam vândalicos acontecimentos.

O presidente, que gritava noutro tempo, cala-se.

Segundo nos consta, a comissão vai servir primeiramente os amigos e aliados e quando não houver senão os sobejos destinados ao público.

A moralidade...

CHISPAZOS.

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

NOTAS & COMENTARIOS

Amigos, amigos...

...mas negócios à parte. Os caminhos de ferro do Estado, na Norte América, puseram a concurso o fornecimento de 10.000 rodas de vagão. Apresentaram-se concorrentes nacionais e concorrentes estrangeiros. Pois vão a examinar as propostas e reconhece-se que a mais vantajosa de todas era a da Alemanha. Não se julgue que se tratava de qualquer insignificante diferença que altas razões patrióticas podiam desprazar.

Não senhor. A Alemanha fornece as 10.000 rodas por metade do preço apresentado pelo maior barateiro dos outros concorrentes. Os Estados Unidos resolvem aceitar a proposta alemã, deixando ao resto as outras quinze. Quando se vêem em jogo interesses materiais, é atentar no recado piano a que se relégem os altos interesses patrióticos. Isto depois de ter-se verificado que não pagará a Alemanha as chorudas indemnizações que lhe reclamaram.

Dinheiro forte

O dinheiro português em relação ao Brasil é considerado forte. Duma força espantosa. A fortaleza tem-lhe ido aumentando com a idade, que é um gosto very tamanha medrança. O dinheiro português está hoje atletico. Um escudo do nosso país vale actualmente três carapaus, desde que estes não tenham passado da infância, quando não já o preço é outro. E' ver e admirar a força do nosso dinheiro. Mil-réis do Brasil não sabemos para quantos carapaus darão. O que sabemos é que essa unidade monetária não corresponde a mais de setenta e tal centavos portugueses. E' aqui que a fraqueza da moeda brasileira se patentea. Eles, os brasileiros, não conseguem com mil réis da sua nação obter mais que setecentos ou oitocentos réis de Portugal. No último grau de decadência, aquela nação brasileira...

Uma pensão

Foi aprovada no Parlamento uma pensão anual de dois contos e quatrocentos mil réis para a família do dr. Pedro de Matos, há tempos morto a tiro. Um incidente, aliás já meio esquecido, das lutas sociais. O governo apressou-se a acautelar a situação económica dasquelas pessoas para quem o assassinato era o amparo. Este procedimento, cum hinc visibilmente humanitario, seria totalmente admissível se não houvesse uma circunstância a reprová-lo. E' de não ter nunca adoptado procedimento, tanto em relação à família daqueles trabalhadores que o desmandado selvático dum soldado vitimou. Em Gaia, em Setúbal, no Algarve, em muitas outras paries, tem sido assassinado operários, chefes de famílias que, na mor parte dos casos, nem vistos nem achados eram nos movimentos grevistas que serviram de pretexto e desculpa a ferozes bestialidades da tropa. Pois não há memória de ter alguma vez o parlamento procurado salvaguardar da miséria aquelas famílias inocentes que ficaram privadas de arrimo por lhes terem morto o chefe, inocente ele também. Como se justifica pois esta exceção em benefício da família do dr. Pedro de Matos? O humanitarismo está bem. Mas quando ele se exerce com um revolting parcialidade constitui uma provocação à consciência dos amantes da justiça.

A FAVOR DE "A BATALHA"

Continua a Batalha a ser muito felicitada pela passagem do seu segundo aniversário, tanto pelo proletariado, quanto pela imensa operária do país.

Escusado é repetir a todos os que nos enviam as felicitações que bastante manifestações de apreço.

Saúdações da imprensa operária

No seu último número, o nosso pre-sado colega O Eco Telegrafo-Postal dirige-nos as palavras de simpatia que

Passou no dia 25 de Março o segundo aniversário deste desastre baluarte.

Dois anos de trabalhos e dedicações extenuadas em prol da classe trabalhadora, das lutas com os obstáculos do dia-a-dia, a solidariedade com os que serviam da coia e da moral. Para se desempenhar cabalmente a sua missão, mostraram bem claramente o esforço cívico dos camaradas que estão à sua frente.

E, não obstante, desde o seu aparecimento até hoje, permanecendo parado, sem serem cedidas cada vez piores, a Batalha ainda não afastou um ápice sequer das suas linhas indefectivas que a si própria trouxe na defesa não só dos trabalhadores, mas especialmente da sua causa de regeamento e moralidade.

Por isso ela se tornou cradora da nossa solidariedade, dos nossos amigos, nossos amigos e amigos, merecedores da nossa elevada consideração.

A todos, pois, abraçamos num amplo

fraterno, fazendo votos pelas suas prospéridades e que continue brillando o mesmo caminho que tem trilhado ate aqui.

O Sindicato Único Metalúrgico do Porto enviou-nos a carta que segue:

Camaradas.—Encarregue-me a Comissão, Adm. instrutora do Sindicato Único Metalúrgico do Porto de levar ao vosso conhecimento que foi exarado no acto um voto de saudade, pelo qual se declarou que o seu presidente deve imediatamente comparecer perante o Conselho de Administração, que é o nosso órgão A Batalha. Fazemos ardentes votos pela sua prosperidade para que, melhor possa continuar a sua utilíssima missão em prol da nossa organização e da emancipação integral dos trabalhadores.—Abdul Rodrigues dos Santos.

Continua a Batalha a ser muito felicitada pela passagem do seu segundo aniversário, tanto pelo proletariado, quanto pela imensa operária do país.

Esta comissão em sua reunião, resolveu saudar o nosso órgão A Batalha pela passagem do seu 2.º aniversário, fazendo os mesmos sinceros e ardentes votos para que continue lutando em defesa dos oprimidos. O secretário.—Abdul Correa de Sousa.

De Vila do Conde recebemos a seguinte e entusiasta carta:

Caro amigo redactor.—E' do meu espírito, revolucionário e engravidado pela fraterna sublimidade que tem exalado da encarnação da Batalha — que partem as mais vivas e fraternas saudações para elas e todos esses meus muito admirados, camaradas colaboradores, nessa data do seu 2.º aniversário.

Mas é do meu coração, capturado por um gentil e encantadora flor — que sao as mais ardentes votos de regozijo, pelo seu continuo desasse sublime perfume que ela tem exalado, e que tanto tem compilado os corações, tristes e tristes, videntes e videntes, de quem tudo conhece aos olhos fechados. As personagens são bem estudadas e verdadeiras. A fabulação prende e interessa. Os episódios são comovedores e emocionantes como a morte da Primavera no conto A Desafrenta.

E' incontestável um belo narrador o sr. Neves de Carvalho e as

Referimo-nos ontem à attitudde das autoridades de Viana-do-Castelo daquela

apreensão de livros escolares e encerramento do Centro Comunitário daquela

cidade, segundo um telegrama que dali recebemos.

Comunicações que dali nos enviaram,

melhor nos elucidaram do que se passou.

O reactionismo local alguma vinha pre-

parando na sombra contra aquela orga-

nização; não só junto da autoridade

de ensino, mas também sensivelmente

nas escolas de Viana do Castelo.

Continua a Batalha a ser muito felicitada

pela passagem do seu segundo aniversário.

Continua a Batalha a ser muito felicitada

pela passagem do seu segundo aniversário.

Continua a Batalha a ser muito felicitada

pela passagem do seu segundo aniversário.

Continua a Batalha a ser muito felicitada

pela passagem do seu segundo aniversário.

Continua a Batalha a ser muito felicitada

pela passagem do seu segundo aniversário.

Continua a Batalha a ser muito felicitada

pela passagem do seu segundo aniversário.

Continua a Batalha a ser muito felicitada

pela passagem do seu segundo aniversário.

Continua a Batalha a ser muito felicitada

pela passagem do seu segundo aniversário.

Continua a Batalha a ser muito felicitada

pela passagem do seu segundo aniversário.

Continua a Batalha a ser muito felicitada

A GREVE DOS TRABALHADORES DOS JORNais

A moralidade "déléis"...

Esse arremedo do *Século* que por si aparece agora tarde e a más horas, publico-se, não porque visse a sua utilidade a passar velozmente para o dia dos grevistas; não porque, mas tubarão do que os outros, quisesse capir os leitores das empresas que num excepcional gesto de *redundia*, cediram o seu lugar às grandes empresas; não porque sentisse a necessidade de continuar "descamotando" a opinião pública com artigos sensacionais a respeito de questões rendosas. Apareceu porque é um velho jornal português, para defesa da sociedade, dos interesses do país e do futuro da liberdade!!!

Ora quase todas as outras imitações de jornais que viram, após laborioso percurso, a luz do dia, tiveram considerações idênticas. Referimo-nos, porém, à *Século*, de preferência, porque este é o jornal-tipo da imprensa burguesa em Portugal.

Fez o *Século* insinuações torpes, como não podia deixar de ser. Afirrou, entre outras insinuações, que os grevistas estavam na disposição de fazer sair um jornal monárquico de sua própria conta.

O público conhece já o *Século* como jornal de *chantage* e isto bastaria para nos livrar do incômodo de responder.

No entanto vamos pondo a mão na intenção do referido jornal: é criar ambiente para que os governantes exerçam repressão sobre os grevistas; é justificar a sua saída, motivada apenas pela sede de ganhar, pela absoluta necessidade de impedir que a *Imprensa de Lisboa* publique os seus anúncios. E' de resto o próprio *Século* que o diz, no mesmo artigo em que afirma vir apenas "defender a sociedade, os interesses do país e o futuro da liberdade". Basta ler este

Assembleia magna dos quadros dos jornais.

— Os quadros tipográficos das duas edições do *Século* reúniam ontem, antes da assembleia magna, na Associação dos Trabalhadores de Imprensa. Apredada a marcha do movimento grevista, que prosegue em condições vantajosas para os nossos camaradas, cujo moral é elevado, aprovaram os componentes dos dois quadros, em votação nominal, a seguinte moção:

Considerando que as empresas jornalísticas que as tentativas para nos dividir das outras classes em instâncias considerando que todas essas tentativas sejam inúteis e jamais nos farão arredar da conduta que tomámos desde a primeira hora;

que qualquer entendimento que a respectiva empresa desejasse com as comissões de melhoramentos dos respectivos quadros, ou individualmente, seja repido, considerando que só com a pressão exercida é que podemos chegar ao resultado que todos queremos;

que se é conhecimento destas resultados nos nossos camaradas impressores e estofadores, que nos acompanharam espontaneamente nesse movimento, para que fiquem orientados e continuem dando o seu leal apoio.—A comissão de melhoramentos do quadro tipográfico do *Século* é aprovada.

Fez mais o pseudo-técnico, que se chama António Justino Teixeira: levou

proclamada a greve, uma parte do pessoal que abandonou o trabalho decidiu publicar um jornal, com o intuito de explorar o noticiário, conquistando assim o público dos chamados órgãos de grande informação.

Foi precisamente por o noticiário

dos "órgãos de grande informação" ter

passado rapidamente para as colunas da *Imprensa de Lisboa* que o *Século* apressou a sua publicação com a ajuda de tipógrafos militares.

Foi esta a última cartada das empresas jornalísticas. Quizeram meter um susto aos grevistas, aterrorizá-los. Não conseguiram, nada, coitados. Os jornais que saíram é que hão de precipitar o fim da greve. A saída dos grandes órgãos—grandes no nome apenas, colados—será o maior elemento de discordia entre as empresas. Esses jornais não se publicam por conveniência do bloco; publicam-se por propria conveniência. E quando as outras empresas de fá se apercebem (se não se apercebem já), adensam bloco.

A saída dos jornais marca o inicio da desagregação do bloco.

Teixeira, o pseudo-técnico

O Instituto Superior Técnico tem suas oficinas gráficas; as oficinas gráficas tem um técnico e o técnico não é técnico. Tem qualquer cargo no *Diário de Notícias*.

Nas referidas oficinas empregaram-se,

depois da greve dos trabalhadores dos jornais, quatro tipógrafos grevistas do aludido jornal, mas, como o pseudo-técnico é amarelo, tratou de vingar os patrões, despedindo do Instituto os quatro tipógrafos grevistas.

Fez mais o pseudo-técnico, que se

chama António Justino Teixeira: levou

autorização da autoridade administrativa.

Não nos surpreende a autorização dada, pois sabemos bem a maneira hábil como o grêmio reacionário impõe suas resoluções e ainda porque o mesmo grêmio faz parte o actual administrador.

Um grupo de trabalhadores desta

cidade projecta realizar naquela vila, na mesma noite, uma sessão de propaganda e uma manifestação de protesto contra a realização da procissão.

Vai ser oficiado à autoridade administrativa solicitando licença.

Aos camaradas da Chamusca recomenda-se a máxima propaganda no sentido de ser fortemente concordada a sessão projectada, mostrando aos videntes exploradores do povo chamusquense que as classes trabalhadoras de 1921 não são as mesmas que em 1912 se deixaram conduzir inconscientemente ao capricho dos diversos mandos dessa vila.

Camaradas chamusquenses: não co-laboreis nessa farcida e à parada reacionária respondet你们 ativamente como uma parada de fórcas proletárias!

Perseguições na Covilhã

Foram postos em liberdade os cidadãos Delfim Coutinho e Augusto Tavares da Costa, da Covilhã, que haviam sido presos naquela cidade a ordem do administrador do concelho, que é capitão de infantaria 21, e do chefe de polícia, e que foram enviados sob prisão para Castelo Branco.

Originou a arbitrariedade o facto de terem aquelas camaradas pretendido fazer respeitar o horário de trabalho a uns operários que faziam horas suplementares por conta do proprietário Ferreira Coelho.

Ainda bem que se fez justiça, tanto mais que as autoridades os haviam ameaçado de deportação.

Litógrafos e anexos

A Associação de Classe dos Litógrafos e anexos participa à classe e a todas as suas congêneres que desde

desde manhã, 6, em diante, a sede social é na rua do Arco da Graça, 10.º, para onde pode ser dirigida toda a correspondência.

A BATALHA encontra-se a venda

em Paris na Rua

Abbeville.

EDEN TEATRO S. T. L.
Emp. Henrique Barreiro, L. V.
1^a Representação
Festa artística do actor-comico
ANTONIO GOMES
Recapítulo da novela revista em *factos* de EDUARDO SCHWALBACH
By G. JUZI
Inauguração atumizada remodelada
Grande quantidade de câmeras novas
50 personagens também novas
Música dos maestros Del-Negro e Alves
Coelho
Guarda-roupa interiorizado novo de Jaime
Vieira
Vestuário deslumbrante de José de Almeida, Mergulhão,
Campos de Oliveira e Eduardo Reis
(pág.)

UMA INICIATIVA EM MARCHA

A CASA DOS TRABALHADORES DO PORTO

As classes em luta constatando que a tentativa de uma comissão de empresas jornalísticas para desmantelar a estrutura operária, e desfazer a sua independência, é a destruição da classe dos Caixeiros, foi impõente como as anteriores. A assembleia mostrou-se absolutamente firme.

Foi aprovada com entusiasmo a seguinte moção:

As classes em luta constatando que a tentativa de uma comissão de empresas jornalísticas para desmantelar a estrutura operária, e desfazer a sua independência, é a destruição da classe dos Caixeiros, foi impõente como as anteriores. A assembleia mostrou-se absolutamente firme.

As classes em luta constatando que a tentativa de uma comissão de empresas jornalísticas para desmantelar a estrutura operária, e desfazer a sua independência, é a destruição da classe dos Caixeiros, foi impõente como as anteriores. A assembleia mostrou-se absolutamente firme.

As classes em luta constatando que a tentativa de uma comissão de empresas jornalísticas para desmantelar a estrutura operária, e desfazer a sua independência, é a destruição da classe dos Caixeiros, foi impõente como as anteriores. A assembleia mostrou-se absolutamente firme.

As classes em luta constatando que a tentativa de uma comissão de empresas jornalísticas para desmantelar a estrutura operária, e desfazer a sua independência, é a destruição da classe dos Caixeiros, foi impõente como as anteriores. A assembleia mostrou-se absolutamente firme.

As classes em luta constatando que a tentativa de uma comissão de empresas jornalísticas para desmantelar a estrutura operária, e desfazer a sua independência, é a destruição da classe dos Caixeiros, foi impõente como as anteriores. A assembleia mostrou-se absolutamente firme.

As classes em luta constatando que a tentativa de uma comissão de empresas jornalísticas para desmantelar a estrutura operária, e desfazer a sua independência, é a destruição da classe dos Caixeiros, foi impõente como as anteriores. A assembleia mostrou-se absolutamente firme.

As classes em luta constatando que a tentativa de uma comissão de empresas jornalísticas para desmantelar a estrutura operária, e desfazer a sua independência, é a destruição da classe dos Caixeiros, foi impõente como as anteriores. A assembleia mostrou-se absolutamente firme.

As classes em luta constatando que a tentativa de uma comissão de empresas jornalísticas para desmantelar a estrutura operária, e desfazer a sua independência, é a destruição da classe dos Caixeiros, foi impõente como as anteriores. A assembleia mostrou-se absolutamente firme.

As classes em luta constatando que a tentativa de uma comissão de empresas jornalísticas para desmantelar a estrutura operária, e desfazer a sua independência, é a destruição da classe dos Caixeiros, foi impõente como as anteriores. A assembleia mostrou-se absolutamente firme.

As classes em luta constatando que a tentativa de uma comissão de empresas jornalísticas para desmantelar a estrutura operária, e desfazer a sua independência, é a destruição da classe dos Caixeiros, foi impõente como as anteriores. A assembleia mostrou-se absolutamente firme.

As classes em luta constatando que a tentativa de uma comissão de empresas jornalísticas para desmantelar a estrutura operária, e desfazer a sua independência, é a destruição da classe dos Caixeiros, foi impõente como as anteriores. A assembleia mostrou-se absolutamente firme.

As classes em luta constatando que a tentativa de uma comissão de empresas jornalísticas para desmantelar a estrutura operária, e desfazer a sua independência, é a destruição da classe dos Caixeiros, foi impõente como as anteriores. A assembleia mostrou-se absolutamente firme.

As classes em luta constatando que a tentativa de uma comissão de empresas jornalísticas para desmantelar a estrutura operária, e desfazer a sua independência, é a destruição da classe dos Caixeiros, foi impõente como as anteriores. A assembleia mostrou-se absolutamente firme.

As classes em luta constatando que a tentativa de uma comissão de empresas jornalísticas para desmantelar a estrutura operária, e desfazer a sua independência, é a destruição da classe dos Caixeiros, foi impõente como as anteriores. A assembleia mostrou-se absolutamente firme.

As classes em luta constatando que a tentativa de uma comissão de empresas jornalísticas para desmantelar a estrutura operária, e desfazer a sua independência, é a destruição da classe dos Caixeiros, foi impõente como as anteriores. A assembleia mostrou-se absolutamente firme.

As classes em luta constatando que a tentativa de uma comissão de empresas jornalísticas para desmantelar a estrutura operária, e desfazer a sua independência, é a destruição da classe dos Caixeiros, foi impõente como as anteriores. A assembleia mostrou-se absolutamente firme.

As classes em luta constatando que a tentativa de uma comissão de empresas jornalísticas para desmantelar a estrutura operária, e desfazer a sua independência, é a destruição da classe dos Caixeiros, foi impõente como as anteriores. A assembleia mostrou-se absolutamente firme.

As classes em luta constatando que a tentativa de uma comissão de empresas jornalísticas para desmantelar a estrutura operária, e desfazer a sua independência, é a destruição da classe dos Caixeiros, foi impõente como as anteriores. A assembleia mostrou-se absolutamente firme.

As classes em luta constatando que a tentativa de uma comissão de empresas jornalísticas para desmantelar a estrutura operária, e desfazer a sua independência, é a destruição da classe dos Caixeiros, foi impõente como as anteriores. A assembleia mostrou-se absolutamente firme.

As classes em luta constatando que a tentativa de uma comissão de empresas jornalísticas para desmantelar a estrutura operária, e desfazer a sua independência, é a destruição da classe dos Caixeiros, foi impõente como as anteriores. A assembleia mostrou-se absolutamente firme.

As classes em luta constatando que a tentativa de uma comissão de empresas jornalísticas para desmantelar a estrutura operária, e desfazer a sua independência, é a destruição da classe dos Caixeiros, foi impõente como as anteriores. A assembleia mostrou-se absolutamente firme.

As classes em luta constatando que a tentativa de uma comissão de empresas jornalísticas para desmantelar a estrutura operária, e desfazer a sua independência, é a destruição da classe dos Caixeiros, foi impõente como as anteriores. A assembleia mostrou-se absolutamente firme.

As classes em luta constatando que a tentativa de uma comissão de empresas jornalísticas para desmantelar a estrutura operária, e desfazer a sua independência, é a destruição da classe dos Caixeiros, foi impõente como as anteriores. A assembleia mostrou-se absolutamente firme.

As classes em luta constatando que a tentativa de uma comissão de empresas jornalísticas para desmantelar a estrutura operária, e desfazer a sua independência, é a destruição da classe dos Caixeiros, foi impõente como as anteriores. A assembleia mostrou-se absolutamente firme.

As classes em luta constatando que a tentativa de uma comissão de empresas jornalísticas para desmantelar a estrutura operária, e desfazer a sua independência, é a destruição da classe dos Caixeiros, foi impõente como as anteriores. A assembleia mostrou-se absolutamente firme.

As classes em luta constatando que a tentativa de uma comissão de empresas jornalísticas para desmantelar a estrutura operária, e desfazer a sua independência, é a destruição da classe dos Caixeiros, foi impõente como as anteriores. A assembleia mostrou-se absolutamente firme.

As classes em luta constatando que a tentativa de uma comissão de empresas jornalísticas para desmantelar a estrutura operária, e desfazer a sua independência, é a destruição da classe dos Caixeiros, foi impõente como as anteriores. A assembleia mostrou-se absolutamente firme.

As classes em luta constatando que a tentativa de uma comissão de empresas jornalísticas para desmantelar a estrutura operária, e desfazer a sua independência, é a destruição da classe dos Caixeiros, foi impõente como as anteriores. A assembleia mostrou-se absolutamente firme.

As classes em luta constatando que a tentativa de uma comissão de empresas jornalísticas para desmantelar a estrutura operária, e desfazer a sua independência, é a destruição da classe dos Caixeiros, foi impõente como as anteriores. A assembleia mostrou-se absolutamente firme.

As classes em luta constatando que a tentativa de uma comissão de empresas jornalísticas para desmantelar a estrutura operária, e desfazer a sua independência, é a destruição da classe dos Caixeiros, foi impõente como as anteriores. A assembleia mostrou-se absolutamente firme.

As classes em luta constatando que a tentativa de uma comissão de empresas jornalísticas para desmantelar a estrutura operária, e desfazer a sua independência, é a destruição da classe dos Caixeiros, foi impõente como as anteriores. A assembleia mostrou-se absolutamente firme.

As classes em luta constatando que a tentativa de uma comissão de empresas jornalísticas para desmantelar a estrutura operária, e desfazer a sua independência, é a destruição da classe dos Caixeiros, foi impõente como as anteriores. A assembleia mostrou-se absolutamente firme.

As classes em luta constatando que a tentativa de uma comissão de empresas jornalísticas para desmantelar a estrutura operária, e desfazer a sua independência, é a destruição da classe dos Caixeiros, foi impõente como as anteriores. A assembleia mostrou-se absolutamente firme.

As classes em luta constatando que a tentativa de uma comissão de empresas jornalísticas para desmantelar a estrutura operária, e desfazer a sua independência, é a destruição da classe dos Caixeiros, foi impõente como as anteriores. A assembleia mostrou-se absolutamente firme.

As classes em luta constatando que a tentativa de uma comissão de empresas jornalísticas para desmantelar a estrutura operária, e desfazer a sua independência, é a destruição da classe dos Caixeiros, foi impõente como as anteriores. A assembleia mostrou-se absolutamente firme.

As classes em luta constatando que a tentativa de uma comissão de empresas jornalísticas para desmantelar a estrutura operária, e desfazer a sua independência, é a destruição da classe dos Caixeiros, foi impõente como as anteriores. A assembleia mostrou-se absolutamente firme.

As classes em luta constatando que a tentativa de uma comissão